

# JOGOS COOPERATIVOS: COMO UMA ALTERNATIVA PARA INCLUSÃO

Marta Suzin Ferri – UNOESC

Eixo Temático: Processos do ensino e da aprendizagem

## RESUMO

A competição e a cooperação são fatores presentes no dia a dia das pessoas desde a mais tenra idade, ou seja, na família, na escola, no trabalho, nas conquistas pessoais e no meio social. A competição visa, sobretudo, resultados numéricos, prêmios, a glória. Tem caráter coletivo, no entanto, se apóia em planos individuais. Na escola, uma das disciplinas onde a competição se faz presente com maior ênfase, é a Educação Física, na qual o mais forte, o mais versátil, o mais competitivo se impõe. Nesta prática ocorrem processos negativos como o Bullying expressado por meio da linguagem corporal nos jogos e exercícios físicos nos olhares e risadas que intimidam e ridicularizam, com a exclusão na escolha dos grupos, na exaltação do erro, no distanciamento físico entre outros. Este, no entanto não é o objetivo das aulas de educação física na escola. Os próprios PCN's, que a EF deve buscar incluir os alunos, promover sua inserção e integração à cultura corporal do movimento, por meio de jogos, esportes, ginástica, lutas, atividades rítmicas e expressivas, proporcionar formas de conhecimento sobre o corpo. Sendo assim, este estudo tem como proposta contribuir para o debate sobre o assunto, na medida em que apresenta elementos significativos da Evolução Humana, ocorridos mais por princípios de cooperação e inclusão do que exclusão. Parte-se do princípio que a escola e mais especificamente a Educação Física tem condições de desenvolver por meio de jogos interativos, uma orientação baseada em princípios de acolhimento, solidariedade e inclusão.

**Palavras-chave:** Escola Inclusiva. Educação física. Jogos Cooperativos.

## 1 INTRODUÇÃO

A Crise enfrentada pela escola, nos dias atuais, não lhe tira a incumbência de formadora principal do ser humano para a convivência em sociedade. É o elo de ligação entre os espaços sociais e a educação formal. Seu papel desafiador, além de produzir conhecimento, fomenta a postura ética do aluno como introduzir valores de inclusão, cooperação e solidariedade, frente a um mundo que nos apresenta diariamente o desemprego, a violência, a falta de perspectiva, a pobreza e a corrupção.

Sendo assim, o educador, no seu papel de mediador, tem como dever promover a integração, a motivação, a auto-estima, a responsabilidade e a cooperação entre os alunos, no sentido de criar espaços de reflexão e inclusão. De acordo com os princípios democráticos da educação para todos, os sistemas educacionais devem trabalhar de forma a desenvolver todos os alunos e não apenas alguns deles, os alunos que se sobressaem.

Neste sentido, as aulas de Educação Física podem ser uma das alternativas, capazes de ampliar este espaço democrático, através de atividades cooperativas, apropriadas para desenvolver o senso de limite, solidariedade e respeito. O educador sabe que a escola tem o poder da transformação na sociedade, pode fazer o caminho inverso ao que Boff (2011) denuncia quando diz: “nossa sociedade está montada sobre estruturas permanentes de violência”.

Esta situação em grande parte é desenvolvida pela competição, trabalhada de forma errônea onde os que vencem sempre são considerados os melhores. No entanto, enquanto educadores sabe-se que é dever da educação trabalhar o desenvolvimento pessoal de todos os envolvidos de forma igualitária. Com este estudo pretende-se apresentar as escolas municipais do município de Concórdia S/C, propostas de atividades, como os jogos interativos, nas aulas de Educação Física, instrumento entendido como facilitador do relacionamento pessoal dentro da escola. O objetivo da proposta é diminuir a indisciplina, desenvolver valores de relacionamento, de igualdade entre a comunidade escolar.

## **2 ESCOLA E INCLUSÃO**

Os temas recorrentes, diariamente citados pela mídia e que dificultam a aprendizagem dos alunos em sala de aula são a indisciplina e a violência, atualmente chamadas de Bullying. Fatores como o preconceito, o racismo e outras formas de exclusão, se acirram em momentos de competição, e a Educação Física, quando reproduz o esporte formal e a competitividade, contribui decisivamente para o agravamento deste quadro. Embora se avance muito teoricamente em estudos sobre o assunto, pode-se dizer que as características das abordagens metodológicas foram denominadas como competitivas e tecnicistas. Já em 1986, a carta Brasileira de EF de Carpina, evidenciou uma perspectiva crítica ao tecnicismo, onde coloca elementos sobre a seletividade e discriminação de crianças, em consequência a insatisfação e a exclusão das mesmas em suas atividades nas aulas desta disciplina. Deve-se reconhecer, no entanto, que hoje a grande maioria das escolas tem preocupação neste sentido e desenvolvem projetos de combate ao Bullying.

Buscar qualidade da educação física, na educação escolar é um anseio de décadas, como exemplo pode ser citado o que dizem Gentili e Silva (1995, p. 65):

{...} a qualidade é uma meta compartilhada, no que todos dizem buscar. De acordo com o meio social dos sujeitos, e o que podemos fazer para ampliar suas estruturas, no que diz respeito a qualquer proposição relativa a conservar, melhorar ou mudar isto ou aquilo, não importa o que seja, um grito de guerra em torno do qual se devem juntar todos os esforços.

Para os autores, a função da escola é assegurar conteúdos e práticas que desenvolvam valores pautados na ética, como elementos nomeados (escolhidos), o respeito mútuo, a justiça, o diálogo, a solidariedade e a autenticidade. Como disciplina da escola a EF tem a responsabilidade de colaborar com esses valores na formação dos alunos, pela sua proposta e ações curriculares, tem uma grande parcela na construção do processo de educação das crianças, dos jovens e dos adultos.

Segundo o que afirmam Maturana e Varela, (2001, p.9-10):

Vivemos no mundo e fizemos parte dele; vivemos com os outros seres vivos, e, portanto compartilhamos com eles o processo vital. Por sua vez ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum. A nossa trajetória de vida nos faz construir nosso conhecimento do mundo, mas este também constrói seu próprio conhecimento a nosso respeito

Nogueira (2004) apud Bourdier, cita o habitus do indivíduo e lembra que a escola é constituída por alunos vindos de famílias e de culturas diferentes. Os pais ou responsáveis escolheram, ao seu critério, o melhor jeito de educar seus filhos e procuram transmitir aquilo que elegem ser melhor para a sua educação, no que consideram importante dentro do contexto familiar como atitude, valores, ideais. As estruturas são o conhecimento e as informações que chamamos de vivências interiorizadas no ser humano.

### **3 OS PRINCÍPIOS DE INCLUSÃO NA TRAJETÓRIA HUMANA**

Para que se possa falar em inclusão é necessário que tenha antes de tudo, a concepção de reconhecimento, porque só assim o ser humano se reconhece pode reconhecer o outro e possibilitando assim o convívio social. No entanto, para desenvolver essa habilidade o homínida passou por inúmeras transformações na sua condição de primata. Trata-se de um complexo processo de

transformações conhecido como hominização, caracterizado por Morin (1975, p. 62) como “Um conjunto de inferências que supõe acontecimentos, eliminações, seleções, integrações, migrações, fracassos, sucessos, desastres, inovações, desorganizações, reorganizações. Para o autor, a hominização não é somente o que aparece, também é o que desaparece.”

Para o autor, o processo de hominização deu-se pela cooperação, solidariedade e pela comunicação. A “cooperação” como gesto de generosidade revela a colaboração e a generosidade, importantes no processo de humanização.

O deslocamento na posição bípede e logo na posição ereta faz uma reorganização neuromuscular, fazendo com que alguns músculos aumentem de tamanho, para suportar esse apoio, faz com que a maioria dos sistemas existentes no corpo se reorganize, desafiando a organização biomecânica do corpo humano na lida com o equilíbrio. Essa posição ereta significa um ganho de energia. Energia que se traduz na possibilidade de ter filhotes. Mais filhos, mais garantias de sobrevivência das espécies. O cuidado da mãe para com seu filho e de filho para com a mãe pode ser traduzido como uma manifestação arcaica de amor, bem representada no documentário *Homem das Cavernas*, na cena comovente onde mostra o filhote agarrado à mãe que já estava morta. Talvez esteja aí uma primeira manifestação de humanização e expressão de uma situação nova, seguida pelo gesto da filha mais velha desta mãe (chamada Lucy), que adota o irmãozinho e cuida dele demonstrando o amor familiar e a solidariedade.

Os primórdios da importância do convívio familiar, do reconhecimento do outro como outro e das relações inter-individuais, expõem que em outras espécies de animais não ocorre o reconhecimento dos filhos, por parte dos pais e vice-versa, quando chegam à fase adulta. Entre os humanos, no entanto, o reconhecimento é recíproco de pais para filhos e dos filhos para com os pais, e perduram para a vida toda. Desta maneira a Antropologia entende que a família somente existe como tal quando pai, mãe e filho se reconhecem mutuamente e para toda a vida.

O fato de dividir a caça, o repartir o fruto tudo pode ser uma conseqüência para o início de uma organização social centrada na distribuição. Na atitude de trazer alimento para os integrantes do grupo pode ter surgido o início da solidariedade humana. A repartição dos produtos acontecia de forma mais ou menos igualitária, haviam regras de distribuição com base no princípio de que o produto da caça era um bem comum (MORIN, 1975).

De acordo com o autor, com o surgir da solidariedade entre os homínidas essas regras se fundamentam em economias de distribuição e se tornam uma organização social

mais complexa. No entanto, foi necessário o desenvolvimento da comunicação para que novas formas relacionais interpessoais de amizade e de comportamentos, fossem conservados de geração em geração.

Contribui neste sentido Ridley (2000) e assegura que a caçada era considerada uma atividade perigosa, e por isso, motivava alguns poucos humanos a caçarem os grandes animais, e desta forma, a caça tinha que ser dividida também com quem não se submetia a tal risco. Sendo assim os que enfrentavam o perigo dividiam esperando ser retribuídos de alguma forma, ou seja, podia ser em troca de bens de valor diferenciado. Entende-se que foi daí que surgiu a reciprocidade, o desejo de ser retribuído (pago) pela generosidade da partição.

Na opinião do autor, o ser humano deve compreender que a agressão, a guerra e a maldade não fazem parte da maneira de viver do ser humano se este fizer jus ao sentido que tem a palavra humano. Para tanto, é importante que ele conserve o emocional, o amar que tem o poder de reconstituir o humano e devolver-lhe o prazer da convivência, da aceitação do outro como legítimo outro, junto a si mesmo. Alerta que neste sentido, é importante reconhecer que o conhecimento tornado possível, sob o estatuto da cultura patriarcal, fundamentado na exploração a qualquer custo, faz o ser humano crer poder conseguir tudo o que deseja.

O mundo capitalista transformou o ser humano, o que se vivencia em termos de divisão, repartição de bens é outra realidade. A luta dos seres humanos em sua grande maioria é pelo acúmulo de bens materiais. Deixou-se de exercer a reciprocidade que visa a troca de favores, a boa convivência, o reconhecimento pelo outro. O pressuposto do acúmulo de riquezas, não permite a espera por uma retribuição com um produto igual ou diferenciado, a prática exercida é de compra e venda não se aposta na generosidade do outro, na confiança mútua (RIDLEY, 2000).

Oferecer, um trabalho na forma gratuita ou um presente, torna-se uma arma quando, em nome da generosidade, provoca, nos outros, o sentimento de débito, seja por meio do prestígio ou da retribuição futura. Se os humanos prestigiam a quem é generoso, sentem-se na obrigação de retribuir a ação, o favor ou o presente, e sendo assim, presentes podem ser usados para subornar.

Ridley (2000) também afirma que quanto mais próximas forem às pessoas, que dão e recebem presentes, menor é a necessidade de o presente ser compensado por algo igual ou superior, agora ou futuramente. As pessoas não se preocupam com quem está devendo para quem, esse fenômeno é chamado de reciprocidade generalizada. Existe também a

reciprocidade negativa, quando alguém presenteia o outro com um presente de menor valor do que o recebido

De forma semelhante Adam Smith contribui com seu entendimento sobre ações humanas e diz:

Em quase toda a outra raça de animais cada individuo, quando chega à maturidade, é inteiramente independente, em seu estado natural, não tem ocasião para o auxilio de seus semelhantes, e é vão que ele o espere apenas por benevolência. Ele poderá prevalecer, mais provavelmente, se puder interessar o amor-próprio deles em seu favor, e mostrar-lhes que é para sua própria vantagem fazer para ele aquilo que está lhes exigindo. Quem quer que ofereça a outrem uma barganha de qualquer tipo, está propondo isto. Dá-me aquilo que desejo, e terás isto que desejas, é o significado de toda oferta assim, e é destarte que obtemos uns dos outros a franca maioria dos bons officios que necessitamos. Não é da benevolência do açougueiro, cervejeiro, ou padeiro, que esperamos nosso jantar, mas de sua preocupação por seu próprio interesse. Dirigimo-nos, não a sua humanidade, mas ao seu amor próprio, e nunca lhe falamos de nossas necessidades, mas das vantagens deles. Ninguém, senão um pedinte escolhe depender principalmente da generosidade de seus concidadãos, e nem mesmo depende dela inteiramente. ( RIDLEY, 2000, p. 08)

#### **4 AS RELAÇÕES SOCIAIS**

A reflexão sobre as origens e a natureza da vida social é quase tão antiga quanto a própria humanidade, mas a Sociologia, como um campo delimitado do saber científico, só emerge em meados do século XIX na Europa. Para melhor entender esse processo, é importante fazer referencia ao conjunto de mudanças econômicas, políticas e sociais ocorridas principalmente a partir do século XVI e às correntes de pensamento que estabeleceram os alicerces da modernidade européia - o racionalismo, o empirismo e o iluminismo (QUINTANEIRO, 2002).

Para o autor, a marca da Europa moderna foi, sem dúvida, a instabilidade, expressa na forma de crises nos diversos âmbitos da vida material, cultural e moral. Foi no cerne dessas dramáticas turbulências que nasceu a Sociologia enquanto um modo de interpretação chamado a explicar o “caos” até certo ponto assustador em que a sociedade parecia haver-se tornado.

As grandes transformações sociais não costumam acontecer de maneira súbita, sendo quase imperceptíveis para aqueles que nelas estão imersos. Mesmo os sistemas filosóficos e científicos inovadores entrelaçam-se a tal ponto com os que os antecedem que é difícil pensar em termos de rupturas radicais.

Os seres humanos enquanto seres sociais vivem em constantes relacionamentos com a espécie, tornam-se individualizantes, ao reconhecerem-se a si mesmos e seres

sociais quando passam a reconhecer o outro Como macho e fêmea, o ato que tornou esse apaixonar-se possível, se, biologicamente, o ser humano é feito para ter vários(as) parceiros. De maneira geral, segundo Morin (1975, p. 158):

A hominização apertou os elos entre mãe e filhos, entre mulher e homem, tendo também aproximado homem e filho. [...] as relações entre mulher e homem, acentuados, fortificados pela incidência da erotização generalizada e da sexualidade permanente. [...] A partir do amor face a face, desenvolveram-se, no decorrer da evolução genética até o *sapiens*, incluindo-o, os atrativos erógenos, que são os lábios proeminentes, os seios inchados, o pênis espesso e longo, isso sem que a parte posterior fosse sacrificada, já que as nádegas, cheias e carnudas, atraem intensamente o olhar e a mão. A erotização do rosto, aliando-se a sua individualização aumentada, faria do companheiro um ser tanto atraente quanto fascinante.

Quando um casal opta pela reprodução realizada em laboratório, a escolha do filho, num catálogo, pode criar problemas ainda inimagináveis. Quantos filhos, naturalmente concebidos, não crescem insatisfeitos com sua imagem física, e os pais podem alegar que é da natureza, mas e quando os filhos, frutos da escolha em um catálogo, que novas relações advêm do convívio pais/filhos/bisturi, os pais certamente terão dificuldades de justificar sua escolha por características que não agradam o filho.

Na era moderna, o conviver humano passa a ser uma luta de verdades, a compreensão já não é mais central na convivência, e as relações são orientadas pela busca de desejos realizados a qualquer custo e não mais pautados na colaboração.

O reconhecimento do outro, mediado pela via de respeito mútuo, traz implicado consigo que “a pessoa encontre imediatamente situada num âmbito de pessoas, cuja alteridade recíproca, em qualquer caso, seja rigorosamente fundada sobre a irredutibilidade aos meios; dito de outro modo, a sua existência é sua dignidade, seu valor não é comercial e ela não tem preço”.

## **5 AS TRANSFORMAÇÕES NA FAMÍLIA E NA ESCOLA EM CONSEQUÊNCIA DO CAPITALISMO EXACERBADO**

Ao considerar a família e a escola como instituições sociais responsáveis pela instrução e a socialização do ser humano, entende-se que as relações das tensões e reciprocidade estão como alvo das discussões da sociedade atual, sobre a constituição dos conhecimentos e como ocorre a transmissão e os objetivos desta aprendizagem.

O capitalismo como sistema econômico mundial, interfere nas estruturas familiares e sociais da Sociedade. As transformações refletem na própria constituição da sociedade, nas suas relações de poder, na convivência e na sobrevivência do ser humano. Desde a Revolução Industrial, no século XVIII, quando essas transformações ocorreram, o modo e meio de produção mudaram, acarretando uma verdadeira revolução também na vida dos indivíduos. A família contemporânea apenas se parece, apesar de suas transformações ao longo da história com a família do passado, explicitamente em seus objetivos, pelo qual a família e a escola passaram nas últimas décadas.

Mesmo assim, segundo o que assegura Singly, (2007, p.49):

{...} tanto uma como a outra têm por função contribuir para a reprodução biológica e social da sociedade, procurando de uma geração a outra manter, e se possível melhorar a posição da família no espaço social. Se a família moderna e a família antiga não são semelhantes, é porque os meios para obter tais objetivos mudaram. A continuidade da função de reprodução assegurada pela família foi dissimulada pelas transformações da sociedade e, assim, pelas transformações dos modos de transmissão

A escola, da mesma forma se constitui como reprodutora das desigualdades sociais e culturais no que diz respeito a uma estreita relação entre a cultura e as desigualdades escolares. Visto que determinadas questões que seriam de direito adquirido na constituição familiar, são competências deixadas para a própria escola.

Neste sentido, os estudantes das classes dominantes, dito média e alta, têm a possibilidade de adquirir melhores desempenhos escolares em detrimento aqueles que teoricamente não possuem uma bagagem cultural constituída pelo interior de sua própria família.

## **6 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MITO DAS COMPETIÇÕES E BUSCA PELOS JOGOS COOPERATIVOS NA ATUALIDADE**

O discurso de que há necessidade de “competição” nas aulas de Educação Física (EF) por motivar os alunos acirraram-se nas últimas décadas, da mesma forma, novas propostas que possibilitem trabalhar jogos que desenvolvem a cidadania, a ética e outros valores ganham destaque. Contudo, a importância de vencer o outro independente dos métodos utilizados, ainda persiste, descaracterizando as pessoas com limitações de desempenho físico.



Em virtude da evolução do processo de civilização, o esporte, o jogo e a competição, e por terem se tornado bastante populares, envolvem de certa forma controvérsias e polêmicas na área da EF, termos esses que ganham significados polissêmicos e interpretações diversas e são muitas vezes confundidos com alguns termos que se assemelham (HUIZINGA 2000).

Na formação desse processo de evolução da educação por meio do esporte, citado como tendo a influência do darwinismo tanto para Tubino (1987) como Betti (1991), tinham o propósito de ter homens fortes e habilidosos para assumir as regras do jogo capitalista, tipo de educação desenvolvido nas escolas públicas, adequado as ambições liberais britânicas. Esse modelo se universalizou pela Europa e por outros países. Dando início a formação perfeita para promover a competitividade capitalista na educação e na educação física escolar.

Lovisollo (2001) afirma que o esporte não pode ser negado a escola nem aos alunos, porque é representante e componente da nossa cultura, e com ele, a competição: “considero que a competição que se expressa em ganhar e perder é a alma do esporte”(p.108) e “creio, portanto, que, se há atividade esportiva na escola, algum grau de competição estará presente” (p.109). Para Freire, negar a competição na escola é o mesmo que negar o esporte na educação física. Continua, é “mais educativo reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir” (1999, p. 150).

Alguns autores como Oliveira (2002,p.6) discordam da reprodução do esporte de rendimento na educação física escolar, cita aspectos positivos para o ensino e a vivência da competição no processo educacional. Não defende a eliminação do esporte e nem da competição das aulas de educação física, mas defende a “ressignificação crítica do esporte e do significado da competição”. Acredita ser o problema intensificado no cotidiano dado ao esporte pelos praticantes, ligado à percepção de fracasso e derrota, exibida no placar final e que pode acarretar incompatibilidade e rivalidade, o que deve ser eliminado.

Brotto (2002), dando ênfase a abordagem de Capra (1982) nesse contexto, vê a competição como parte de um mesmo espectro, composto por ela e pela cooperação. Para Brotto é um processo essencial a vida, ao jogo e a natureza. Com base nisso definimos a competição “um processo onde os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são individualistas e somente alguns se beneficiam dos resultados” e a cooperação como “um processo onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos”. (p.27).

Uma contribuição importante vem da biologia, por intermédio de Humberto Maturana, que vem influenciando diversas áreas da ciência e do conhecimento contribuindo valorosamente para a superação da cultura da competição na educação física escolar. Conforme Maturana “a competição sadia não existe. Qualquer que seja a competição é um fenômeno humano e cultural, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro” (GRACIANO; MAGRO, 2001, p.13).

As inúmeras concepções, apresentadas levam a entender que devem prevalecer os princípios que perpetuaram a espécie humana, ou seja, a cooperação e a solidariedade com os mais fracos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das informações relatadas acredita-se que o educador enquanto mediador, estimulador do processo educacional, precisa estar em constante busca de alternativas que aperfeiçoem sua prática diária. Precisa ser um eterno pesquisador, das atitudes existentes na escola, no sentido de ensinar a aprender e a, rever modelos educacionais utilizados no seu fazer pedagógico que podem desenvolver maneiras inadequadas a uma educação de qualidade.

Mais do que nunca se entende que os jogos interativos aplicados na escola podem ser uma alternativa para que se desenvolva a interação não somente entre alunos, mas em toda a comunidade escolar, que precisa unir forças e conhecimento na batalha pela transformação da escola e conseqüentemente da educação, tão necessária para o desenvolvimento de uma nação.

## **REFERENCIAS**

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento. 1991.

BOFF, L. **Ethos mundial**: Um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000.

\_\_\_\_\_, Comentário. “**A doença chamada homem**”. O Jornal. Concórdia SC.2011, p.13.

BRASIL, **Secretaria de Ensino Fundamental** (1987<sup>a</sup>). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física 1º a 4º séries. Vol.7. Brasília: MEC

\_\_\_\_\_, **Parâmetros Curriculares Nacionais** : Educação Física 5º a 8º séries. Brasília MEC/SEC. 1998b.

\_\_\_\_\_, Lei nº 9.394 de 20/12/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Rio de Janeiro: Sindicato dos professores. 1998c.

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

GENTILI, P. A. A., SILVA, T. T. DA - **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 2ª edição. Ed. Vozes, 1995

GRACIANO, M. e MAGRO, C. “Introdução”. In: Magro, C. et al (orgs). Humberto Maturana: Ontologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG, pp.17 – 30. 2001.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva. 2000.

LOVISOLO, H. , Mediação: Esporte rendimento ou esporte da escola. Revista Movimento, ano VII, nº 15, PP.107 – 117. 2001.

MATURANA, H. R., VARELA. *Arvore do conhecimento*, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8ª edição. Edit. Cortez editora, 2003-UNESCO.

\_\_\_\_\_, E. **O enigma do Homem**: Para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NOGUEIRA, M A, NOGUEIRA, C M M - **Bourdieu & a educação**. 3 ed.-Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, D. T. R. “ A competição do esporte: Uma vitória ou derrota para a educação física”. Anais do VI encontro Fluminense de Educação Física Escolar, 5-6 jun. Niterói: Universidade Federal Fluminense-Departamento de Educação Física. PP. 5-8. 2002.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do livro, 1989.

QUINTANEIRO, Tânia; etal. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber 2ªed.rev. Amp.Belo Horizonte: Editora UFMG,2002. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/50990109/31/RELACAO-SOCIAL>, acesso em 02/09/2011

RIDLEY, Matt. **As origens da virtude**: um estudo biológico da solidariedade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, A. B. B. **Mentes Perigosas nas escolas”BULLYING ”**1ª Ed. 2010, 189p. . Editora Fontanar R.J.

SINGLY, F. Sociologia da família contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TUBINO, M. J. G. Teoria Geral do esporte. São Paulo: Ibrasa, 1987.